



É daquele, muitas vezes, que pouco se espera, que Deus escolhe para fazer a sua obra redentora.

### *O papel do Papa*

Quando me tornei padre busquei, de todo modo, me guiar pelas orientações recebidas pelo signatário da Igreja Romana, o vigário por excelência da Igreja, o Papa. Ele é a autoridade máxima na Terra para dirimir as relações, todas elas, da nossa Igreja Católica. É um papel realmente desafiante, o de representar o Cristo na Terra e guiar com a sua palavra, com a sua orientação, um rebanho que passa de um bilhão de pessoas. É muita responsabilidade. Estar no alto da cadeira do Vaticano é responsabilidade de poucos que o Nosso Senhor Jesus concede a um homem.

O poderio que investe um Papa é tamanho que somente alguém com estirpe moral comprovada tem a legitimidade de exercer o lugar de mandatário número um dos católicos e chefiar um Estado que abrange, de modo amplo, todo o planeta. É incrível, na prática, como isto ocorre. Cada paróquia, cada arquidiocese, recebe continuamente, oriunda do comando central, instruções de encaminhamento das coisas da Igreja. É um sistema de informações rigorosíssimo e que todos, sem exceção, devem cumprir. Já imaginaram se cada uma das paróquias fizesse o que bem entendesse? Que confusão seria! É claro que há liberdade para estabelecer as relações e orientações

locais, mas o fundamental é não divergir do comando único da Igreja. Tal princípio, o da hierarquia das ordens, tentei ser o mais fiel possível na condição de sacerdote católico que fui. E não fiz mais do que a minha obrigação. Muitas vezes as ordens de Roma poderiam não ser aquelas que imaginava, mas foram aquelas que meus superiores e, em última instância, o Santo Padre, encaminhava, e, por isso, deveriam ser religiosamente obedecidas.

Eu acreditava que os concílios, os encontros ecumênicos, os seminários e outros fóruns de discussões, fossem os meios de influenciar nestas decisões, de tornar a ação da Igreja a mais próxima das realidades locais e do pensamento da coletividade católica. Por esta razão, me empenhei como pude naquelas ocasiões que participei, dando o melhor de mim para a formação de uma Igreja de todos, literalmente de todos, e não apenas de alguns ou olhando e privilegiando a alguns, porque este não foi o procedimento de Nosso Senhor, pelo contrário, como Ele falou, Ele veio, sobretudo, para os doentes, para os necessitados de toda sorte e este também teria que ser, em todos os tempos, o caminho que a Igreja deveria percorrer.

Sei dos inúmeros problemas e erros cometidos pela Igreja ao longo dos séculos. É lamentável um monte de fatos e posições tomadas exatamente na contra-mão da história, mas acredito firmemente que este tempo passou, principalmente porque os novos tempos demonstraram o papel relevante da Igreja em colaborar pela paz mundial e pela harmonia entre os povos, independentemente de sua religião adotada. A Igreja, embora se note apenas os seus desvios, é responsável, no conjunto e em sua particularidade,

por uma enormidade de benefícios à humanidade, mesmo que taxem, muitas vezes, de conservadora e retrógrada. Na marcha do progresso, há os avanços inevitáveis e necessários, mas há igualmente valores que nunca serão ultrapassados e que a Santa Igreja deve funcionar como defensora intransigente e não entrar em ondas modernistas simplesmente porque uma maioria desavisada acredita que se deva estabelecer uma nova ordem de coisas sem analisar a fundo as repercussões de tais atitudes.

Há, neste contexto decisório, a figura magnânima do Papa. Seja ele quem for, é a pessoa escolhida por Deus para conduzir a Igreja. Não pode ser qualquer um. Observem atentamente os últimos homens que sentaram na cadeira de Pedro e verão, cada um ao seu temperamento e formação, homens extremamente comprometidos com a causa do Cristo e que continuaram, independentemente das correntes internas, a obra grandiosa da Igreja de regeneração moral de todas as gentes.

Lembro da figura reformista, por exemplo, de um Leão XIII<sup>32</sup>. Que maravilhosa visão para o seu tempo em promover, sob a orientação da Igreja, reformas sociais que dessem ao homem a direção segura para enfrentar o modernismo industrial da época e a onda marxista em evolução. A Igreja foi sábia quando elegeu o Cardeal Pecci para conduzi-la a contento. As gestões seguintes, nas mãos de homens leais aos princípios católicos, foram firmes na condução segura frente às transformações que ocorriam e

---

<sup>32</sup> Papa Leão XIII - Vincenzo Gioacchino Pecci, (Carpinetto, 02/03/1810 - 20/07/1903). Exerceu seu pontificado entre o século XIX e o início do XX (1878-1903).

as turbulências da primeira e da segunda guerras mundiais. A mão segura do Papa Pio XII<sup>33</sup>, apesar de muitas incompreensões, fez com que no momento aprazado por Deus, a guerra tivesse fim. Não que a guerra seja algo abençoado por Deus, de modo algum, mas dos conflitos extremos saem lições para a humanidade não repetir mais, como tivemos o nazismo e o fascismo, por exemplo.

Quero aqui lembrar a figura religiosa mais expressiva do século passado, o nosso querido, o bom Papa João XXIII<sup>34</sup>. Que figura admirável! Reunia ao mesmo tempo sabedoria e simplicidade. Foi ele, num gesto largo e necessário, que convocou o Concílio Ecumênico Vaticano II<sup>35</sup>. Que revolução, meu Pai! Que ambiente fecundo para a discussão dos destinos da nossa Igreja. Mudamos muito e mudamos para melhor, sem dúvida alguma. Uma obra admirável de alguém que pouco se esperava a não ser preparar a cadeira para o seu sucessor em função de sua elevada idade quando foi entronado. É daquele, muitas vezes, que pouco se espera, que Deus escolhe para fazer a sua obra redentora. Quanto aprendi com o Papa bom, o Cardeal Roncalli. Sua façanha, de provocar o repensar dos rumos e práticas da nossa Santa Igreja, jamais será esquecida.

---

<sup>33</sup> Papa Pio XII, nascido Eugenio Giuseppe Maria Giovanni Pacelli, foi papa no momento histórico mais difícil do século XX. Seu pontificado, longo de 19 anos (1939-1958)

<sup>34</sup> O Papa João XXIII, nascido Ângelo Giuseppe Roncalli (Sotto II Monte, 25 de novembro de 1881 – Vaticano, 3 de junho de 1963) foi Papa do dia 28 de outubro de 1958 até a data da sua morte.

<sup>35</sup> O Concílio Vaticano II (CVII), Concílio Ecumênico da Igreja católica, foi aberto sob o papado de João XXIII no dia 11 de outubro de 1962 e terminado sob o papado de Paulo VI em 8 de dezembro de 1965.

Logo após, para dar continuidade à obra iniciada pelo papa da bondade e do sorriso largo, é eleito o Monsenhor Montini<sup>36</sup>. Que maravilha! Era como se o trono do Papa João estivesse sendo seguido sem interrupção. E a Igreja cresceu inserindo-se ao debate dos temas atuais e pertinentes. Sua inteligência, sua envergadura política, sua palavra sábia foram decisivas para a consolidação das deliberações do Concílio Vaticano II. Penso que outro fosse eleito, todas aquelas decisões poderiam ter sido grandemente comprometidas.

Nesta linha de avanço da Igreja, tivemos o legado do Papa viajante, o Cardeal Wojtyla<sup>37</sup>. Que homem de energia! A Igreja deve muito a este homem. Sua presença entre os diferentes povos das diversas nações fez estabelecer um divisor de águas para a projeção internacional da Igreja. Sua atitude de reconhecer equívocos do passado e pedir perdão publicamente representa gesto nobre de um verdadeiro cristão. A gestão do Papa do povo nunca deixará de estar na mente de milhões de pessoas do mundo inteiro e especialmente no Brasil. O bom cordeiro de Deus fez a sua parte no soerguimento da nossa Igreja no concerto das nações.

Os Papas, embora homens guiados por Deus, ainda são homens e, portanto, como todos nós, sujeitos a equívocos. Daí o grande peso que coloca em suas costas as

---

<sup>36</sup> Giovanni Battista Enrico Antônio Maria Montini nasceu em 26 de setembro de 1897 em Concesio (Lombardia) no seio de uma família de classe alta. Foi eleito Papa em 21 de junho de 1963. Teve o fim do pontificado no dia 6 de agosto de 1978.

<sup>37</sup> Karol Wojtyla (pronuncie caró voitila) nasceu em Wadowice (Cracóvia), na Polônia. Período de 1978 a 2005 (ano de sua morte).

decisões. Ali, no trono de Pedro, a última palavra é a sua, porém, ver todos os ângulos possíveis de uma decisão, em muitos casos, pode não ser percebido, apesar de toda uma assessoria neste sentido de seus auxiliares próximos e distantes. A este respeito, necessitamos todos nós exercer nossa condição de compreensíveis da vontade de Deus naquele momento, diante das possibilidades do Papa, que não é infalível – e Ele sabe disto – mas alguém que sinceramente deseja acertar e pede diariamente a inspiração divina para este desígnio.

Não é fácil ser Papa. Já imaginaram passar um dia, um dia sequer, na investidura de Chefe de Roma? É algo inimaginável. É por esta razão que muitos Papas, vendo a aproximação de seu sufrágio no colégio cardinalício, literalmente tremiam, não apenas pela emoção que se avizinhava, mas, sobretudo, pela enorme responsabilidade que recairia sobre os seus ombros.

A perspectiva da Igreja ao escolher um Papa é observar, no momento que se vive o conclave, qual é o melhor homem para representar os interesses da Igreja e trazer a palavra de Jesus entre os homens naquela época. Não é fácil, pois muitos num conclave possuem um perfil interessante e escolher um em detrimento de outros não é tarefa agradável. É por isso que se afirma que no instante da eleição desce o Espírito Santo para esclarecer aquelas mentes reunidas e tocar-lhes os corações.

O Papa é figura nobre não por causa da suntuosidade de Roma e sua extensão de influência, simplesmente; mas porque, da atitude vigorosa do vigário de Roma, podem ser nutridas grandes esperanças para todo o planeta. Quantas

pessoas não tiveram as suas vidas modificadas pelo exemplo do Papa da bondade e do Papa do povo? Quanta coragem não foi criada pelo trabalho destes homens de Deus? Quanto bem não foi feito e quanto mal não foi evitado pela palavra reconfortante e inspiradora destes Papas?

É assim, meus caros irmãos, que avança a Igreja. Sei dos atropelos internos, sou bastante consciente disto e do lado de cá esta visão se amplia ainda mais. Sei também, do outro lado, dos enormes esforços de mudança e de contribuição para o bem da humanidade e não unicamente para os católicos.

Eis o desafio que não se espera demora. Avançar com o Cristo pela Igreja. Convocar os homens de boa vontade, independentemente de suas religiões oficiais, e juntos, num esforço coletivo, promovermos a paz na Terra. Eis o desafio de todos nós, irmãos no Cristo e filhos do mesmo Pai.

Que Deus nos abençoe!